

BPN recebe proposta para vender vinhos da Casa do Douro

Sogrape, Symington e Gran-Cruz propõem-se comprar as 18 mil pipas que o organismo duriense tem penhoradas ao Banco Português de Negócios

PEDRO GARCIA

A Sogrape, o grupo Symington e a Gran-Cruz apresentaram ao Banco Português de Negócios uma proposta concreta para a aquisição dos cerca de 18 mil pipas de vinho do Porto que este banco tem penhoradas à Casa do Douro. Os três gigantes do sector propõem-se pagar 130 milhões de euros, o que dá um valor médio por pipa da ordem dos 1075 euros, bastante acima dos 600 euros por pipa oferecidos antes da vindima pela Fyndgate Partners, a holding que detém as marcas Taylor's, Fonseca, Dalaforce e Croft.

A concretizar-se, este será o maior negócio de vinho do Porto do ano, mas as suas implicações para o sector e para a própria Casa do Douro são uma incógnita. A dívida do organismo duriense àquele banco ronda actualmente os 25 milhões de euros, pelo que a venda das 18 mil pipas pelos valores propostos não chega para a liquidar. Apesar disso, o problema maior seria do BPN, mas não é assim. É que, além do vinho, o banco tem um penhor sobre três armazéns da CD e a sua própria sede, na Régua. A penhora da sede inclui, porém, uma cláusula, segundo a qual o penhor fica sem efeito a partir do momento que a Casa do Douro pagar os primeiros cinco milhões de euros dos 25 milhões que deve. Não é certo, no entanto, que o BPN esteja impossibilitado de executar o penhor da sede da Casa do Douro, dadas as implicações negativas que essa decisão traria no Douro, o que prejudicaria a imagem do banco.

Mes a incógnita maior prende-se com as repercussões que a venda de 18 mil pipas de vinho do Porto terá no sector. No momento de crise actual, a entrada de uma tão grande quantidade de vinho no mercado poderá ter efeitos nefastos, em particular para a produção, já que a procura tende a diminuir e com ela os preços do vinho. A proposta apresentada ao BPN scinda de algum modo esse perigo, uma vez que prevê a aquisição dos vinhos ao longo dos próximos três anos. Acresce que o negócio surge numa altura em que, pelo primeira vez nos últimos cinco anos, há sinais de uma ligeira recupera-

ção dos volumes de vinho do Porto emeralatinados, o que abre expectativas positivas para o sector.

Contactado pelo PÚBLICO, o presidente da Casa do Douro, Manuel António dos Santos, reagiu com algum cautela à proposta apresentada pela Sogrape, grupo Symington e Gran-Cruz: "Não podemos reduzir a proposta ao seu valor financeiro. Nesse aspecto, não é positivo para nós. Mas tem o cuidado de ajudar a clarificar o sector. Julgo que estão a ser dados passos muito importantes. Podemos estar próximos de construir alguma coisa de muito positiva no sector", disse.

A proposta será levada amanhã à apreciação do Conselho Regional da Casa do Douro, a quem cabe tomar uma decisão sobre o assunto. Para executar o penhor, o BPN precisa do consentimento da Casa do Douro, que fica obrigada, no entanto, a apresentar uma solução alternativa. No entender de Manuel António dos Santos, a solução terá que passar pela "co-responsabilização da leivora, do comércio e do Governo e pela liquidação das consequências de um modelo que vigou no Douro", no qual a Casa do Douro detinha funções de natureza estatal no sector.

O presidente da Casa do Douro continua a exigir do Governo o pagamento de uma compensação financeira pela perda de funções públicas, a qual deixaria o organismo duriense sem meios de gerar receitas suficientes para pagar as suas despesas de funcionamento e as suas elevadas dívidas. Além dos 25 milhões de euros que deve ao BPN, a Casa do Douro possui uma dívida de um pouco mais de 80 milhões de euros que está avalizada pelo Estado em troca do penhor de 20 mil pipas de vinho.

Nos últimos anos, o organismo duriense tem redimido a ideia de que os seus vinhos têm valor mais do que suficiente para pagar todas as suas dívidas. Mas o mercado tem sido muito contrário. No primeiro lote de 2500 pipas da Casa do Douro, promovido recentemente pelo Instituto dos Vinhos do Douro e Porto, apenas foram adquiridas 80 pipas. A operação, realizada no âmbito do plano de esvaziamento financeiro da Casa do Douro, confirmou as reservas que há tempo são manifestadas por várias empresas do sector, que consideravam os preços dos vinhos desproporcionadamente altos. Um dos dramas da Casa do Douro prende-se, de resto, com o facto de nos primeiros anos desta década ter comprado vinhos à produção a preços superiores aos que se praticam actualmente. ■